

## V I A G E N S   N O S   T E M P O S   D E   A N T I G A M E N T E

Raul Bopp

### EXTREMO ORIENTE

Depois do desmantelamento, por motivos conhecidos, do Clube de Antropofagia à rua Barão de Piracicaba, onde nos reuníamos assiduamente, com a presença de Oswald e Tarsila, resolvi também deixar São Paulo. Pedi demissão da "Associação Paulista de Boas Estradas", onde eu era Superintendente. A Diretoria dessa entidade me gratificou generosamente, com três meses de vencimentos. Reuni todas as reservas que eu possuía, transformei tudo em dólares, na base de 8.100 reis por dólar, antes do craque na Bolsa de Nova Iorque.

Resolvi viajar para o exterior. Viajei dois anos. Peguei um cargueiro Japonês (Kanagawa Maru), que fazia um itinerário demorado por vários portos da África Oriental. Ficamos cinco dias em Mombassa. Fui de trem até Nairobi, nas imediações do Lago Vitoria Nianza, para ver aquela paisagem estranha, com pantanos de papiro e as manadas desenfreadas de animais selvagens: zebras, gazelas, girafas etc. Os elefantes ficavam no meio do matagal, em grupos. Desconfiados. Depois de várias escalas em outros portos, decidi ir à Índia. Zigzaguei por todo o setor norte do Kyber Pass (fronteira do Afeganistan) ao Bramaputra.

#### Montanha do EVEREST

De Calcutá fui até Darjeling, nos contrafortes do Himalaia com seus altos picos chapeados de neve. Pareciam de platina. Combinei, numa estalagem, um guia para me levar ao Tiger Pass, de onde se podia avistar o Monte Everest. Saímos, dia seguinte, silenciosamente, às duas da madrugada. O guia ia a pé, puxando a cabresto o meu cavalo, por uma estradinha mínima, cavada nas abas da montanha. Depois de muito andar, passo a passo, cuidadosamente, no escuro, chegamos ao mencionado mirante. Esperamos o clarear do dia. Comecei, então, a distinguir, aos poucos, dorsos de montanhas, que se atropelavam por sistemas orográficos desconhecidos. Alguns momentos depois, apareceu o sol, explicando a paisagem, com o gigantesco Everest, em frente.

#### Cidade Morta de Ambar

Nas minhas andanças pelo norte da Índia, resolvi visitar a cidade morta de Ambar. Subi de elefante, por um atalho íngreme, através de um cerrado maciço vegetal, por onde (disse-me o guia) ocultavam-se os tigres, farejando presas.

Visitei outras cidades palaciais, completamente vazias, como a de Fatepur-Sikri, em zona plana. Mas essas excursões não me deram aquela mesma sensação que tive na subida a Angkor, através de uma selva bordada de altas ~~caravanas~~ Canaranas, onde andavam tigres escondidos.

#### O SANTO DE MONTE ABU

Fui também até o Monte Abu, para ver o Santo (His Holiness Shantivijay). Entrei num templo escavado no bojo de uma montanha, com uma série enorme de salas e recintos. Saí por um longo corredor, num pátio de uma beleza bucólica, onde estava o Santo dialogando com os seus discípulos.

Havia hiatos de silêncio. A aragem movia as folhas das grandes árvores. Ao me ver sentado sobre uma laje, o Santo fez sinal para que eu me aproximasse. Puz a mão na minha cabeça, falando em hindustani. Eu pronunciei algumas frases em português. E apesar de não falarmos os idiomas, um do outro, parece que nos entendemos perfeitamente. Procurei saber, com outras pessoas, as linhas básicas

da sua doutrina. Pelos seus conceitos, cada ser humano devia procurar Deus pelos seus próprios meios, sem rituais, sem se prender a preceitos dogmáticos.

Não confundir o Deus bom, de substância transcendente, com Deuses administrativos, de menor categoria. Estes cobram as ações humanas com ajustes-de-contas impiedosos. Ameaçam com o Apocalipse e com os segredos do Karma. Desse jeito, a alma se encolhe, com medo, sem engrandecimentos, sem poder sentir Deus no seu estado de Poesia.

#### Rei RATAPUPI

Viajei com Ratapupi, rei das ilhas Fidgi, a quem ofereci uma caixa de charutos Bela Cubana. Escuros.

#### TROTSKY

Uma outra ocasião fui até o Mar de Mármara, na ilha do Prinkipo, para ver se obteria uma entrevista com Trotsky, mas o famoso chefe comunista não quis me receber, alegando a sua posição de asilado político da Turquia.

#### TOYAMA

A personalidade mais importante que tive ocasião de conhecer nessa viagem de dois anos no exterior, foi Toyama, chefe da poderosa seita do Dragão Negro, - figura quasi inacessível na Mitologia Política do Japão. Um dia no meu hotelzinho em Toquio, recebi a visita de uma pessoa que falava fluentemente o português. Vinha me perguntar se eu aceitava um convite para almoço, na casa da família Sohoma, magnata de generos alimentícios. Respondi naturalmente que aceitava. Mas eu desejava saber qual o motivo dessa amável deferência. Fiquei sabendo que os Sohomas tinham perdido um filho em Manaus e que havia recebido no período da enfermidade, uma carinhosa assistência de famílias amazonenses.

Ao saber pelos jornais, como o Nichi-Nichi Shimbun da presença de um brasileiro em Tóquio (1929) queriam manifestar o sentimento de gratidão que lhes pesava na sensibilidade oriental.

Eramos umas 10 pessoas em torno á mesa, adornada em estilo chinês. Todos conversavam animadamente. O único que não dizia nada era um senhor de barbicha. Perguntei ao meu acompanhante quem era ele ? Respondeu-me confidencialmente, que era uma pessoa muito importante, fazendo enfase na resposta.

Quase no fim do almoço, o Senhor de barbicha dirigiu-se ao meu intérprete e disse:- Pergunte a esse moço qual será a reação do Brasil, em caso de guerra do Japão com os Estados Unidos. Respondi como pude, por altos e baixos, triturando frases que me pareciam mais adequadas. Mas o importante não foi a resposta. Foi a pergunta, feita uns dez anos antes do Japão cair na voragem da guerra.

#### C H I N A

Depois de várias andanças em regiões que eu tinha interesse especial em conhecer, resolvi ir até a China.

Quando cheguei a Pequim, depois de admirar demoradamente o seu espaço urbano, com quatro cidades amuralhadas, uma dentro da outra, tratei de saber qual o meio mais adequado para visitar a Muralha. Peguei um trem em direção a Kalgan, na Mongolia.

#### O TUMULO DOS MING

Desembarquei numa estaçãozinha que me foi indicada, afim d'ahi seguir até o túmulo dos Ming. Pedi, mostrando uma ficha, com caracteres chineses, previamente

preparada, que me arranjassem um cavalo e um guia, para ir até esse famoso local.

Depois de duas horas de percurso, no fim de uma planície arenosa entre ondulações acentuadas do terreno, avistei uma enorme porta imperial, de cinco arcos, com arquivlaves imponentes, que marcavam soberbamente a entrada do Panteon, ao ar livre. Desci do cavalo, comecei a andar compassadamente a pé, ao longo de uma alameda de estátuas gigantescas, da fauna mítica dos Ming, invadida pelo capinzal.

No fundo, um anfiteatro ajustado á moldura do terreno, guardava o túmulo de 17 imperadores da dinastia.

Quando voltei ao hotel já era quase noite. Eu estava cansado. Pedi uma taça de arroz e tomei chá. Fui depois para o quarto, de poucas comodidades e sem asseio. Preferi dormir estendido no chão, sobre jornais velhos.

#### A GRANDE MURALHA

Dia seguinte, muito cedo, passava um trem, ocupado com transporte militar, para Shin-Lung-Shau, junto às muralhas. Meti-me num vagão, entre soldados de caras enigmáticas, sentados sobre caixões e vigas de madeira. Relanceavam as baionetas. Por uma porta corrediça, que ficou aberta, eu ia acompanhando a paisagem descascada e rugosa.

Depois de vencer um enorme tunel, com alguns estirões em zona rochosa, começamos a ver a Muralha, magestosamente estendida pelos lombos da cordilheira. Era certamente a obra arquitetônica mais louca do mundo.

Ao chegar a Shin-Lung-Shau, tratei de subir imediatamente, pelas suas escadas interiores. Galguei uma das torres quadrangulares, para ver o cenário em toda a sua grandiosa amplitude: as mesetas, o deserto de Gobi varrido pelos ventos. Desci, para caminhar um pouco do outro lado, deixando rastos na areia. Batia um vento frio, que apagava os vestígios das pisadas.

Junto ao paredão de pedra, enegrecido pelo tempo, viam-se camelos de várias caravanas, resignados, sujos de areia, com pescoços levantados, ruminando. Homens de raças incógnitas, de caras tostadas e enrugadas, juntavam-se em grupos, pelas tendas toscas. Conversavam de forma ininteligível, com vozes de ásperas ressonâncias. Vinham, não sei de onde, dos fundos da Ásia, através de caminhos íngremes e vazios, vencendo barreiras do deserto. De qualquer modo, era a Ásia que estava ali, com seus vestígios milenares, autêntica, resignada, esquecida.

De JOSÉ LINS DO RÊGO

O que se pode dizer de mais verdadeiro é que, com ele (Bopp) apareceu o nosso primeiro homem de letras, que é ao mesmo tempo um homem de aventuras. Bopp será sempre um desses sujeitos, cuja vida será muito maior que a obra literária.

Do artigo "Sobre um poeta e um contador de histórias", da "União", da Paraíba, 26-2-1928.